

O Parque Arqueológico do Morro da Queimada em Ouro Preto, MG

BENEDITO TADEU DE OLIVEIRA

A Audiência Pública realizada no dia 24 de fevereiro de 2005 na Casa de Retiro do Morro São João e a caminhada do dia 13 de março de 2005, ambas iniciativas do Presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Wanderley Rossi Kuruzu, representam apoios importantes ao desenvolvimento do projeto e à implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada.

Já em 18 de abril de 1881, por ocasião de uma de suas visitas a Ouro Preto, o Imperador Dom Pedro II identificou no local um importante sítio arqueológico. O ilustre Imperador anotou em seu diário que as ruínas do antigo Arraial do Morro da Queimada o faziam lembrar Pompéia (4, p. 20). Essa cidade italiana foi soterrada pelo vulcão Vesúvio em 79 d.c. e descoberta em 1748 por ordem do Rei Carlos de Bourbon. Hoje constitui um famoso parque arqueológico que recebe estudiosos e turistas de todo o mundo.

O sítio arqueológico do Morro da Queimada também tem origem trágica. Conhecido ainda como Morro do Paschoal ou Arraial de Ouro Podre, foi um dos primeiros a surgir em Ouro Preto, contudo foi destruído em 1720, após a revolta liderada por Felipe dos Santos. A sedição de Vila Rica teve início em 25 de junho de 1720, em oposição aos aumentos dos impostos pela

Coroa Portuguesa, por meio da proibição da circulação de ouro em pó e a implantação das casas de fundição na então capitania de São Paulo e de Minas Gerais.

Os principais chefes da sublevação foram Pascoal da Silva Guimarães, Sebastião da Veiga Cabral, Dr. Manuel Mosqueira da Rosa e seu filho Frei Vicente Botelho e ainda Frei Francisco do Monte Alverne. Felipe dos Santos, segundo o historiador Diogo de Vasconcelos, foi o “único sedicioso verdadeiramente popular” (2, p. 182).

O levante durou em torno de dezoito dias. Em 16 de julho, o Conde de Assumar entrou em Vila Rica por volta das onze horas da manhã, à frente de mil e quinhentos homens. O morro do Ouro Podre, onde residiam quase todos os conjurados, foi incendiado e ficou sendo chamado de Morro da Queimada. A população local transferiu-se para os outros arraiais próximos.

Felipe dos Santos, que havia conseguido fugir e tentado resistir no arraial de Cachoeira do Campo, foi preso em flagrante e julgado. Segundo Diogo de Vasconcelos, em 19 ou 20 de julho ele foi primeiro enforcado e depois amarrado à cauda de um cavalo para ser arrastado e despedaçado. Os demais cabeças do motim foram transferidos para o Rio de Janeiro e ali condenados ao exílio em Lisboa, Portugal.

As principais conseqüências da sedição de 1720 foram o adiamento por quatro anos da instalação das casas de fundição em Minas Gerais e a divisão da Capitania de São Paulo e Minas Gerais em duas unidades administrativas

O Governador Conde de Assumar dizia, na época, que no Arraial de Ouro Podre até as pedras conspiravam contra a Coroa Portuguesa.

O Morro da Queimada abriga hoje um sítio arqueológico de inestimável valor, sendo um testemunho material das primeiras tipologias arquitetônicas da cidade, por guardar preciosos registros da exploração de ouro no início do século XVIII e vestígios remanescentes de um dos mais dramáticos momentos da história do Brasil-Colônia.

Existem no local, além das ruínas das edificações da época, abrigos escavados na rocha, grandes galerias, bocas das antigas minas de ouro e sarilhos para suas ventilações. Existem ainda nesse sítio arqueológico mundéus, que são construções feitas para a lavagem do ouro, pequenos açudes, segmentos de canais de captação de água, além de sistemas hidráulicos com canais utilizados para o transporte de água e de lama aurífera.

Nas últimas décadas, o Morro da Queimada vem passando por um processo de dilapidação. Na ocupação desordenada, por um lado as ruínas vêm sendo desmontadas para aproveitamento das pedras antigas como material de construção e, por outro, as estruturas remanescentes vêm sendo utilizadas como base das novas construções. A falta de proteção dos documentos arqueológicos do Morro da Queimada em Ouro Preto é o caso mais grave de abandono do patrimônio cultural pelos poderes públicos nas suas diversas esferas. Segundo o arqueólogo e professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Carlos Magno Guimarães, não é exagero afirmar que hoje os vestígios arqueológicos do Morro da Queimada não devem ultrapassar 10% de seu conjunto original (1, p. 5).

O Plano Diretor de 1996 prevê para o local a implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada, antiga reivindicação das ONGs Projeto Manuelzão e Amigos do Meio Ambiente - AMA Ouro Preto - e tem o apoio de diversas

instituições, dentre as quais destacam-se: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - Unesco -, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, Universidade Federal de Ouro Preto - Ufop, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual - Iepha, Instituto Estadual de Florestas - IEF, Ministério Público Estadual, Paróquia Nossa Senhora do Pilar, e ONGs Associação de Proteção Ambiental de Ouro Preto - APAOP, Associação Amigos do Patrimônio Natural e Cultural - AMO Ouro Preto e Federação das Associações de Moradores de Ouro Preto - FAMOP.

Em abril de 2003, a missão de técnicos do Centro de Patrimônio Mundial que a Unesco enviou a Ouro Preto identificou a preservação do sítio arqueológico do Morro da Queimada como uma das medidas necessárias para deter a alarmante deterioração do patrimônio cultural e ambiental da cidade.

Após essa recomendação da Unesco, o Comitê Consultor de Ouro Preto, coordenado pelo Iphan, constituiu os seguintes grupos de trabalho: projeto institucional, pesquisa histórica, regularização fundiária, habitação, implantação física e relação com a comunidade.

A implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada vai trazer um grande impacto positivo em Ouro Preto, dando origem a diversas ações de valorização do seu patrimônio cultural e ambiental, dentre as quais destacam-se:

- ampliação das pesquisas históricas por meio da criação de programas de escavações arqueológicas, possibilitando um conhecimento mais amplo sobre a cultura material e a história da mineração da época;**
- proteção e ordenamento das ruínas das primeiras edificações construídas com pedra e argamassa, detalhes em cantaria e os**

- conjuntos de ruínas de currais e pátios constituídos de muros de pedra em junta seca;
- ampliação dos conhecimentos sobre a atividade mineradora e dinâmica social dos primórdios da colonização de Ouro Preto e das Minas Gerais;
 - criação de um museu arqueológico das cidades surgidas durante o ciclo do ouro;
 - preservação da memória de Felipe dos Santos e da sedição de Vila Rica de 1720;
 - criação de uma opção diferenciada de turismo fora do circuito tradicional, contribuindo para uma permanência maior dos turistas na cidade;
 - proteção de parte significativa da moldura paisagística do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto;
 - melhoria da qualidade de vida e inclusão social das comunidades vizinhas, por meio da geração de emprego e renda, bem como da sustentabilidade econômica do empreendimento;
 - início da consolidação do Parque Municipal e da Área de Proteção Ambiental - APA Cachoeira das Andorinhas, preservando e recuperando os diversos recursos naturais existentes.

O Morro da Queimada é um sítio dotado de rara beleza natural, de onde se tem uma visão privilegiada do centro histórico de Ouro Preto e do Pico Itacolomi, que orientou os primeiros bandeirantes e ainda hoje personaliza a cidade.

O Morro da Queimada está para Ouro Preto assim como a Acrópole está para Atenas e o Palatino e os antigos fóruns estão para Roma.

Com a eleição de Angelo Oswaldo de Araújo Santos para a Prefeitura de Ouro Preto, criou-se uma conjuntura favorável para a recuperação do patrimônio cultural e ambiental da cidade, que deverá ter início onde tudo começou: *no Arraial de Ouro Podre que foi de mestre Paschoal* (3, p.55).

BENEDITO TADEU DE OLIVEIRA é arquiteto graduado em 1980 pela Universidade de Brasília (UnB) e recebeu em equipe os prêmios da União dos Arquitetos da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do Sindicato dos Engenheiros Egípcios no XIV Congresso da União Internacional de Arquitetos (UIA), realizado em Varsóvia em 1981. Doutorou-se em restauração de monumentos em 1985 pela Universidade de Roma "La Sapienza" e ingressou em 1987 na Fiocruz / RJ tendo coordenado a restauração do Conjunto Arquitetônico Histórico de Manguinhos. Em 2002 assumiu a direção do Iphan de Ouro Preto.

Bibliografia

- 1. LEVANTAMENTO VISUAL DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO MORRO DA QUEIMADA - Ouro Preto/MG Laboratório de Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, dezembro 2004. Coordenação Professor Carlos Magno Guimarães.**
- 2. VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*. Vol. II. Belo Horizonte Editora Itatiaia, 1974.**
- 3. MEIRELLES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1989.**
- 4. BEDIAGA, Begônia (org.). *Diário do Imperador D. Pedro II, viagem a Minas Gerais Vol. 24, – primeira parte, 26/03 a 19/04 de 1881*. Petrópolis, Museu Imperial, 1999.**

